



Kayo Magalhães/CB/D.A Press

Dá o

Thalisson e Laura preferem vídeos rápidos para hobbies

play!

Pesquisa explora como vídeos curtos moldam o aprendizado da Geração Z e quais são os desafios para educadores

ESTEFANIA LIMA*

“Como aprender fórmula de bhaskara?”; “O que é advérbio?”. Você com certeza já teve dúvidas — ainda que não essas — e precisou pesquisar na internet. É o famoso “perguntar para o Google”. Também os jovens da Geração Z pesquisam na internet, mas recorrem com frequência a outra ferramenta: as redes sociais.

De acordo com a pesquisa *Usos e impactos de plataformas e vídeos curtos por adolescentes do Brasil*, da Rede Conhecimentos Sociais (Recos) em parceria com o InternetLab (Lab), os jovens veem vídeos curtos nas redes sociais para se distrair, conhecer assuntos novos ou acompanhar temas de que gostam. Só que boa parte também aproveita para aprender.

A pesquisa mostra que a ideia de que vídeos curtos

trazem entretenimento em tempo rápido (85%) e provocam a curiosidade para assistir cada vez mais vídeos (82%) é praticamente consensual entre adolescentes. O tempo de duração que deve ter um vídeo curto, porém, não tem consenso: há quem acredite que devam ter até 30 segundos, enquanto outros falam de até 10 minutos, mas a tendência, segundo os jovens ouvidos na pesquisa, é que sejam vídeos de até 2 minutos.

A coordenadora de pesquisa do InternetLab, Clarice Tavares, afirma que o levantamento, inspirado em estudos anteriores sobre hábitos de uso do WhatsApp, foi motivado pela crescente centralidade dos vídeos curtos no debate público, especialmente entre crianças e adolescentes. Um dos pontos de destaque foi a preocupação com a privacidade. “Os adolescentes estão interessados em pensar

criticamente sobre seus usos das plataformas, mas ao mesmo tempo não querem, por exemplo, que os pais acessem seus telefones”, diz Clarice, ressaltando o desafio de construir diálogos sem que os jovens se sintam violados em sua privacidade.

Cuidados

Outro ponto relevante da pesquisa é a relação entre o uso de vídeos curtos e a qualidade do ensino. O diretor da Swiss International School (SIS) de Brasília, Henrick Oprea, por exemplo, expressa preocupações sobre o impacto dessas plataformas na capacidade de aprendizado dos jovens. “Eu acho relevante (o vídeo curto) ser usado como um gancho para apresentar um assunto. O grande desafio é a superficialidade. A aprendizagem vai exigir esforço, atenção e aprofundamento”, afirma.

Na SIS, os alunos são proibidos de usar o celular, mas os professores têm liberdade de planejar as aulas e os recursos que pretendem usar em sala. “O professor passa a ter um papel também de curador digital. A quantidade de vídeos (na internet) é enorme, tem muita coisa que é legal, que é correta, e tem muita coisa que não tem procedência”, ressalta.

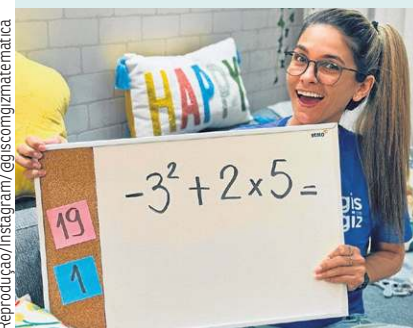
Os estudantes Laura Masetti, 15, e Thalisson Sales, 16, reforçam a fala do diretor. “Eu assisto (a um vídeo curto) só para resumir, eu vejo um ponto e daí eu relembro o que estudei”, diz Laura. Para Thalisson, eles servem apenas como uma porta de entrada. Os dois também compartilham que preferem vídeos curtos para atividades além da escola, como vídeos rápidos para tocar violão ou vídeos de curiosidades sobre ciência e física.

Ponto para as redes

A criadora de conteúdo Gis Bezerra, nas redes sociais @giscomgiz, produz vídeos curtos de matemática. Ela, que tem mais de um milhão de seguidores apenas no Instagram, encontrou nos vídeos curtos uma maneira eficaz de engajar o público. “Vi uma grande oportunidade de usar a linguagem audiovisual para desmistificar a matemática e mostrar que ela pode ser divertida e relevante”, afirma. Ao criar vídeos curtos, ela prioriza conceitos que podem ser rapidamente compreendidos e que despertam a curiosidade. “Apresento desafios simples de cálculo mental ou explico operações de forma concisa, usando exemplos do dia a dia”, explica. A estratégia é criar um “gancho” que incentive o espectador a buscar mais informações em vídeos mais longos, segundo a produtora digital. Sobre o futuro dos vídeos curtos na educação, a criadora acredita que eles funcionam como um complemento valioso. Ela porém destacou que, apesar de complementar, eles não substituem os métodos tradicionais de ensino: “Para um aprendizado mais profundo e completo, é fundamental contar com aulas mais longas e detalhadas”.

*Estagiária sob supervisão de Mariana Niederauer

Reprodução/Instagram/@giscomgizmatematica



Gis desvenda a matemática em vídeos curtos